

## Entrevista do Filósofo e Crítico de Arte do *The Nation*, Arthur Danto ao filósofo Paulo Ghiraldelli Jr.

[uma versão resumida foi publicada na Folha de S. Paulo]

PGJr. Professor **Danto**, estamos no Brasil, paulatinamente, tomando contato com sua obra. Deveríamos tê-lo traduzido mais, eu acho ... Bem, eu começo pela sua formação, gostaria de saber seu envolvimento com “arte & filosofia”.

AD. Bem, eu nasci em Ann Arbor, Michigan, onde meu pai foi um estudante de odontologia na Universidade de Michigan. Mas eu cresci em Detroit. Sempre tive um grande interesse por arte. Quando garoto, minha mãe costumava me levar ao Instituto de Arte de Detroit – um museu maravilhoso – e ainda tenho na memória ela me levando para ver Diego Rivera pintando seus famosos murais. Eu era um tipo de pessoa meio indecisa e sonhadora, não tinha qualquer idéia sobre o que faria na vida, então me alistei no Exército como um maquinista e servi na África e na Itália por mais de três anos. Saí da guerra como uma pessoa com bem mais clareza, e decidi ser artista. Estudei na Universidade Wayne, em Detroit, e após terminar o curso decidi me mudar para Nova York, e, em num impulso, resolvi estudar filosofia, embora não tivesse assistido nenhum curso de filosofia em Wayne. Achava apenas que filosofia iria me deixar com mais tempo para que eu buscasse uma carreira artística. Fui aceito pela Columbia, onde me candidatei a um PhD. Em 1951 ganhei uma bolsa da Fulbright para estudar em Paris, e no fim daquela ano comecei a ensinar filosofia na Universidade do Colorado. Tive muita sorte depois, por ter me tornado professor (Auxiliar de Ensino) da Columbia, pois eu queria viver em Nova York para continuar trabalhando como artista. Eu havia tido êxito, de fato. Tinha feito várias exposições e meu trabalho ganhou prêmios e foi adquirido por museus. Mas eu também escrevia filosofia – tinha uma energia imensa naqueles dias e dormia pouco – e até certo ponto eu achei que estava mais interessado em escrever filosofia do que fazer arte.

Publiquei meus primeiros artigos em 1952. No Colorado eu havia encontrado dois homens que eram filósofos analíticos, e percebi que havia uma revolução na filosofia, e que eu queria fazer parte dela. Escrevi vários livros em filosofia analítica – de fato, projetei um trabalho em cinco volumes, começando com a Filosofia Analítica da História e seguindo com Filosofia Analítica do Conhecimento e Filosofia Analítica da Ação. O próximo volume era para ser em Filosofia Analítica da Arte – mas eu chamei o livro *The Transfiguration of the commonplace*, exatamente o que foi traduzido em português. O quinto volume jamais foi escrito, todavia, a maioria do seu conteúdo apareceu na forma de ensaio. Nesse meio tempo escrevi livros sobre Nietzsche, Sartre e sobre filosofia asiática.

Em 1984 fui convidado para ser o crítico de arte do *The Nation*, um jornal liberal de esquerda. Desde então tenho me dedicado à filosofia da arte, na maioria das vezes em conexão com aulas e conferências. *After the end of art* foi baseado nas “Mellon Lectures”, dadas na Galeria Nacional em Washington; e *The abuse of beauty* é uma expansão das “Cares Lectures”, dadas para a “American Philosophical Association” (APA).

2. PGJr. Bem, chegamos ao ponto: a idéia de “fim da arte”. Conte-me sobre tal idéia. Quanto o senhor ainda sustenta dela hoje em dia?

AD. Em 1984 eu publiquei um ensaio sobre o fim da arte. Naquela época as pessoas do mundo da arte pensavam em termos da “próxima” coisa, como se, temporada após temporada, a história fosse se desdobrando. Até certo ponto me parecia que não havia nenhuma “próxima coisa”. Meus argumentos estavam baseados em alguns das extraordinárias reviravoltas em arte nos anos sessenta. Estava pensando, principalmente, em Warhol, que havia exibido fac-símiles de cartões de remessa na Galeria Stable em Manhattan, em 1964. Aquela exposição me pôs interessado em filosofia da arte. A questão em que me engajei era esta: por que deveria suas Brillo Boxes serem obras enquanto as caixas normais de bombom, que vão da fábrica ao depósito do supermercado são meramente objetos utilitários? Elas parecem quase que exatamente iguais. E então achava que a diferença entre arte e não-arte tinha de ser invisível, uma vez que não havia nenhuma diferença física relevante entre as duas espécies de caixas. Eu então achava que isso era perfeitamente geral, que se a Brillo Box de Warhol fosse arte, qualquer coisa poderia ser arte, e portanto não havia nenhum modo especial de ser da obra de arte. Se não era mais possível dizer quais eram as obras de arte – uma vez que qualquer coisa poderia parecer uma obra de arte e não ser uma obra de arte – não havia mais nenhuma direção na história. Tudo era possível. Isso queria dizer que tudo que tivesse sido pensado como importante sobre arte não mais pertencia ao conceito de arte. Uma definição filosófica de arte não poderia excluir nada. A arte estava liberada da história da arte – era isso que eu sentia.

PGJr. Sim, sim, eu entendo, mas e a tese do “fim da arte” hoje?

AD. Como um crítico de arte, a tese do fim da arte significava que não estaria interessado sobre se o que eu estava escrevendo sobre arte era “historicamente correto”. Qualquer coisa era possível, a idéia de direção havia perdido todo o sentido. A cada dia estou mais convencido da verdade essencial da minha tese, o que é antes de tudo surpreendente. A tese era menos óbvia em 1984 do que veio a ser. Não há direções. Haverá surpresas, mas não surpresas históricas, ou filosóficas. E com o advento do globalismo, há verdadeiramente uma arte única no mundo, na qual qualquer um pode entrar. Não nenhum centro real, como foram Paris ou Nova York.

PGJr. Não haverá surpresas ... Bem, isto soa hegeliano, não? Como é sua relação com Hegel

AD. Quando comecei a falar sobre “o fim a arte”, alguém me contou que Hegel tinha tido tal idéia. Ninguém na filosofia analítica levava Hegel muito seriamente com um filósofo, mas eu então tinha de ler Hegel, e realmente descobri que ele era um tremendo filósofo da arte. Sua visão do fim da arte, contudo, era bastante diferente da minha. Ele acreditava que a arte não mais encontrava as necessidades espirituais da humanidade. Somente a filosofia poderia encontrá-las. Minha visão é a oposta.

Por causa de seu pluralismo radical, a arte é capaz de encontrar nossas necessidades espirituais de beleza – pense em arte feminista, arte gay ou no multiculturalismo. Mas a filosofia perdeu sua capacidade de fazer algo por alguém. Ninguém pode pensar como Hegel hoje em dia. Minha visão do fim da arte é baseada na história interna da arte. Sua

natureza filosófica emergiu para a consciência filosófica na década de 1960. Para Hegel, o fim da arte está baseado em sua filosofia do espírito – passamos da fase da arte e entramos na fase da filosofia. Mas no século XX caímos verdadeiramente em tempos difíceis. Ninguém sabe realmente o que ela é, para mais além. Não é e não pode ser o todo modo de pensamento robusto e capaz de abraçar tudo que foi para Hegel!

PGJr. Pluralismo e Hegel! Isso rende mais uma explicação...

AD. Como disse acima, sou o crítico que sou por que sou o filósofo que sou. Como um pluralista, não tenho nenhuma base particular para sustentar uma espécie de arte sobre outra. Tomo cada coisa como aparece e tento tratá-la em seus próprios termos. No livro *The transfiguration of commonplace*, avancei uma definição de obra de arte: algo em um artwork se ela incorpora significado. Isso rende uma fórmula para a crítica. Tentar identificar o significado – a respeito do que é a arte – e então mostrar como aquele significado está incorporado no objeto que encontro o olho. Isto é: usar do significado para interpretar o objeto. Um objeto interpretado corretamente é a obra de arte.

PGJr. A idéia de tomar cada coisa, sem uma regra universal, lembra o nosso pragmatismo atual, o de Rorty. O que acha?

AD. Não faço nenhuma ligação entre meu pensamento e o pragmatismo como uma filosofia, e certamente nenhuma ligação entre as perspectivas de Rorty e as minhas. *Arte como experiência* de Dewey é um grande livro e sua obra prima, mas nunca encontrei muita utilidade em suas idéias. Rorty é de fato um amigo, mas não encontro nada para concordar com sua filosofia. Creio, por exemplo, em verdade. Pragmatismo mantém que verdade é “o que funciona”, mas eu creio que quando nossas crenças e teorias funcionam, é porque elas são verdadeiras. Eu acharia profundamente incoerente dizer que se acredita em algo por que funciona, se ele não é verdadeiro. Por tal razão nunca tive qualquer interesse em religião, que eu acredito falsa, mesmo que funcione para muitas pessoas. Segundo, eu acredito em filosofia, e Rorty não. Eu acredito que a minha filosofia da arte é verdadeira, mas que ela é, ainda, filosofia. De outro lado, me vejo compartilhando de concepções de Rorty: estou engajado em conversas com artistas e historiadores, provavelmente mais do que a maioria dos filósofos estão engajados em conversas com qualquer um que não seja filósofo.

Era por pensar sobre a arte do meu tempo que fiz o que fiz em *The art world* ou *The Transfiguration of the Commonplace*, etc. Os artistas lêem o que escrevo porque sentem que tem algo a aprender com o meu pensamento, e por causa de que sentem que o que escrevo está enraizado na arte que tem a ver com a experiência deles (não como Dewey pensava a experiência).

PGJr Bem, mas os pragmatistas – Rorty principalmente – não diz que não há a verdade, diz apenas que a investigação sobre a natureza da verdade não compensa. Essa sua observação não é a de um filósofo analítico “hard”?

AD. Há uma teoria da verdade, como sabemos, em James e Peirce. E Dewey ficou tentando substituir, para a idéia de verdade, em vez do mundo objetivo pela idéia, a organização de crenças. Assim surgia o consenso de todos os observadores qualificados, como Peirce formulou a questão. Dewey, é claro, falava sobre o que funciona. James pensava, principalmente, sobre questões filosóficas como livre vontade,

falava sobre quando é certo concordar com algo que significa muito para mim, pessoalmente. Rorty é um pouco diferente. Ele quer abolir a conversa sobre verdade para falar sobre prática. Principalmente porque ele é um descontente com o que é, de alguma forma, uma caricatura da teoria da correspondência, que é mais ou menos ridicularizada. Tudo neles é o que Santayana chama de “primeiro plano”. Nenhum deles quer falar sobre como o mundo é, antes disso, querem falar sobre a linguagem usada instrumentalmente. Eles são todos, na minha perspectiva, idealistas. Tanto quanto meu escrito é de um “filósofo analítico hard”, a filosofia analítica jamais foi realista. Insistia que a questão não é o que é a verdade, mas como “verdade” pode ser definida. Tudo dizia respeito à definição. Ou sobre verificabilidade. Sou realmente um antiquado. Creio em verdade, seja lá aquela que alguém diz ou acredita.

PGJr. Sim, entendo seu ponto de vista. Mas quero ir para outro lado. Não mais os pragmatistas, mas, em se tratando de arte, a Escola de Frankfurt. Qual a relação com eles?

AD. Os filósofos frankfurtianos estão tão longe da arte como eu a entendo que eles poderiam muito bem viver na Idade Média. Em parte porque não sou um europeu, mas um americano, e em parte porque eles não tiveram a experiência dos anos sessenta que eu tive, vivendo em Manhattan. E, é claro, porque eu não vejo nada no marxismo, ou no realismo socialista; todavia eu posso entender como que intelectuais da geração dos frankfurtianos acreditaram nessas coisas.

Adorno era um homem pessimista, mas eu sou otimista por natureza. Certamente scholar, como minha colega Lydia Goehr, tem encontrado analogia de algum tipo entre Adorno e eu, mas penso que as não-analogias são muito mais convincentes. A famosa afirmação de Adorno de que escrever poesia após Auschwitz é obsceno me parece ela própria obscena. Por que as pessoas não escreveriam poesia? Em Nova York, após o Onze de Setembro, milhares de pessoas construíram santurários. Elas estavam bastante emocionadas. A arte é uma resposta natural após uma tragédia – de algum modo, ela cicatriza.

Benjamin foi um homem brilhante, mas sua tese sobre a reprodução mecânica da arte tornou-se falsa. Como um filósofo da arte foi realmente um fato de sorte viver no tempo em que eu vivi – no fim da arte, quando tudo está mais claro, quando tudo é possível.

PGJr. Eu estava pensando em Benjamin, no conceito de aura.

AD. A idéia de Benjamin de aura está em conexão com a arte e em contraste com a arte reproduzida mecanicamente. A cruz era a fotografia, que no tempo de Benjamin não havia sido aceita como arte por causa de que era “mecânica”. Mas agora os museus estão abertos à fotografia, e fotos são colecionadas, tornam-se algo bastante caro. Benjamin tinha um tipo de agenda institucionalista – se mudamos as instituições de arte, a política segue o costume. O que ele não previu era que o museu abriria as portas para todos, tornando-se amplamente popular. Isso era uma teoria muito original, mas ela não funcionou na prática. Em um sentido importante, aura estava associada com artesanato e com a mão, e a reprodutibilidade mecânica com as máquinas, como câmeras. Isso, ao fim e ao cabo, não teve nenhuma importância.

PGJr. O outro sentido da articulação com frankfurtianos seria a ponte para a arte como

crítica da política, como crítica moral ... Como é isso para alguém que está de posse da teoria do “fim da arte”?

AD. A visão de que qualquer coisa pode ser uma obra não implica que qualquer coisa é moralmente permissível na medida em que é arte. Se alguém decide assassinar seis crianças e exibir os corpos como arte, isto que é arte de nenhum modo diminui a atrocidade moral que é matar crianças. Minha visão da permissividade artística deixa a moralidade exatamente como ele era: algo pode ser arte e imoral. A liberdade de expressão é absoluta, mas o *meio* de expressão pode ser moralmente proibido. Porque eu não acredito em religião, não acredito que algo é uma blasfêmia em essência – mas certamente as coisas podem ser de mau gosto. Diferença de gosto é algo que temos de aprender a conviver. Uma sociedade livre requer liberdade de expressão, mas a liberdade não liberdade para se engajar em atos imorais.

PGJr. O senhor tem um comentário interessante sobre fotos de Candy Darling, comparando estética e ética, e acho que isso é uma crítica de arte que entrar para o campo da crítica moral. Então, nisso, a idéia de sua crítica de arte *ainda* é a dos pensadores clássicos, com os frankfurtianos.

AD. Não tenho claro em que você acha que a minha visão sobre o retrato de Candy Darling feito por Peter Hujar diz algo sobre media. Admirei aquele retrato porque ele tratou Candy Darling com dignidade, mostrando-a como ela queria ser vista, como uma mulher, mesmo se de fato ela fosse um homem. Comparei a foto de Hujar com a feita por Richard Avedon, que insistiu no nu, com o pênis à mostra. Acho que isso foi uma humilhação. Creio que a humilhação é uma transgressão moral. A discussão toda estava baseada na minha idéia de que o objeto da obra de arte tem certos direitos. Senti que Avedon foi indigno por causa de como ele mostrou seu objeto, de um modo que ele afirmou seu direito de artista sobre os direitos de seres humanos – se temos o direito de sermos mostrados de um modo consistente com a imagem que fazemos de nós mesmos. O quadro de Goya de Charles IV com sua família é algumas vezes visto como humilhante, mas a Família Real não pensa desse modo, eles oficializaram a coisa. Se eles acreditassem que Goya os fez como tolos, ele teria pago um preço alto. Media é uma outra questão. Nesse caso, temos o direito do público de saber das coisas. Mas esse direito está aberto a questionamentos em certos casos. Há uma curiosidade obscena sobre celebridades, como a Princesa Diana ou Madonna. Temos um direito à privacidade em conflito com o direito do público saber do que se passa. Isso não é uma questão em filosofia da arte, contudo, mas em filosofia do direito.

PGJr. Desculpe, professor **Danto**, mas a coisa tem a ver com Mídia, sim, pois a indução de Candy para que ela posasse era pelo fato dela querer ser alguém da Mídia.

AD. Entendo o que você quer dizer. O que ela, Candy, adorava, era o glamour e a condição de celebridade, é claro. Ela não podia ter resistido e não deixar ser fotografada por alguém tão fascinante quanto Avedon. Ela não queria simplesmente ser uma mulher. Queria ser uma mulher bonita e uma estrela. Mas isso não tinha a ver com a Mídia. A Mídia, como uma instituição, é central para encontrar e publicar a verdade. É central para a institucionalização da liberdade política. É claro, pessoas gostam de ter suas fotos em jornais. Elas estão interessadas na fama. Acho que Candy Darling era uma pessoa bastante vulnerável, e que Avedon simplesmente usou isso como um meio. Ele se aproveitou dela.

PGJr. Bem, então estamos longe de uma crítica da TV, no seu trabalho de filósofo da arte e crítico?

AD. Assisto bem a TV. Vejo os jornais, é claro, e vejo a TV pública. Mas gosto de assistir os velhos filmes, especialmente os da madrugada, e algumas vezes os filmes trash. Sinto que é necessário saber onde a cultura está, mas algumas vezes é importante apenas relaxar.

PGJr. E música e livros, quais os preferidos?.

AD. Não tanta música. Mas há um bocadinho de programas de TV que mostram músicas dos anos sessenta – Dylan, os Beatles é claro, os Beach Boys, etc. Muito do que foi importante na “era POP”, mas que não foi importante para mim. Ouço agora para aprender mais sobre aquela cultura, mas não por ela mesma. Na verdade, penso que provavelmente perdi algo por não ouvir a música popular no seu momento, mas isso é uma perda minha. Mas quando leio ou escrevo, não posso ouvir música, pois isso me tira a concentração. Gosto do silêncio.

Por outro lado, leio muito ficção contemporânea. Acho Alice Monro uma grande escritora, especialmente quando fala sobre a vida e a mentalidade das mulheres. Na maior parte, leio literatura que sinto que me conta sobre a vida como ela é vivida, e sobre situações em que alguém encontra a si mesmo. Leio Proust o tempo todo, e Henry James também, por causa da estupenda visão deles. Eles são mais sábios do que os filósofos.

PGJr E arte? Seus artistas preferidos ...

AD. Gosto de muitos contemporâneos. Pintores abstratos como Sean Scully, David Reed, Robert Mangold, e artistas filosóficos como Mark Tansey. Tinha grande amizade Robert Motherwell e Saul Steinberg. Gosto de Jeff Koons, Cindy Sherman, e de fotógrafos como Nan Golden. Observo bem o trabalho de um bocadinho de artistas. Acho que vivemos um momento interessante nas artes visuais. Não vejo o passado como era de ouro, em absoluto. Odiaria ser um conservador!

PGJr. Vou virar o assunto, um pouco. Acho que pelo meu modo de ser, meio rortiano, não poderia deixar de saber o que acha do futuro da América. Você vê um grande futuro para a América?

AD. Sim, vejo um bom futuro para a América. Isso por que ela tem as grandes instituições do século XVIII, e daí, no fundo, uma filosofia iluminista encravada em nossas instituições. Essas instituições protegem as liberdades individuais básicas a despeito das imensas pressões que de vez em quando emergem, de modo que a América é o país mais livre no mundo. E temos vivido como uma democracia por mais de duzentos anos, sem um rei, uma aristocracia ou, nos tempos modernos, um ditador ou uma junta militar. Na Guerra Fria, que durou quarenta anos, coisas terríveis foram feitas pela América, mas coisas terríveis também foram feitas pela União Soviética. Foi uma guerra de filosofias em conflito. Aquela guerra acabou, e a filosofia que a América sustentou venceu. Dado as violações terríveis dos direitos humanos sob o socialismo, eu sou feliz por termos vencido, mas o preço foi horrível, especialmente na América do

Sul, onde há a questão dos ditadores que foram sustentados pela América. Acho que tem de haver uma anistia de ambos os lados agora.

Nova York, que eu amo, é um modelo para o mundo. Todo mundo consegue se entender com todo mundo, mesmo se, em outra parte do mundo, eles estão se dividindo – judeus e árabes, sérvios e croatas, kurdos e turcos. O ar de Nova York é feito de tolerância e liberdade. Em todos os lugares do mundo, as pessoas estão interessadas na cultura americana. Eles gostam da vida retratada nos filmes, nas canções e na arte. Penso, também, que qualquer um está interessado no futuro da América. Se outros países vão mal, o mundo segue seu curso. Mas se a América vai mal, isso é ruim para o mundo. Eu realmente gosto de ser um americano.

O fato de pessoas de outros países estarem interessadas em minha filosofia significa que elas têm de pensar melhor da América, uma vez que minha filosofia não teria sido possível em qualquer outro lugar. O fato de que minha filosofia é traduzida e lida significa que outros lugares estão nesse grau como a América, ou a filosofia não funcionaria para eles. Mas há um monte de coisas erradas com a América. A América poderia aprender muito da Europa sobre bem estar social, por exemplo. A vida americana é cruel de um modo que em outros países isso não se verifica. Poderia ser melhorada e deveria ser melhorada. Mas acho que a idéia de ser melhor está encravada na própria idéia de América, e penso que é isso que a coloca em destaque.

PGJr. Bom, mas se há coisa ruim na América ... então, não posso deixar de perguntar o que acha do governo Bush.

AD. Bush é um presidente ruim, em minha opinião. Sua filosofia é essencialmente aquela da maioria das pessoas conservadoras da América, que são os menos americanos dos americanos. Eles estão convencidos que aqueles que discordam deles estão errados, que são completamente não-americanos. Seus interesses estão com a pior parte dos interesses de negócios americanos. Assim, eles se opõem às pesquisas sobre célula tronco e ao protocolo de Kyoto.

A guerra do Iraque foi algo para a qual ele, Bush, estava disposto, e que fez do mundo um lugar bem mais perigoso. Ele tem violados os direitos privados de seus próprios cidadãos no sentido de ampliar o poder presidencial. Tudo isso é amplamente conhecido e entendido. E na hora certa forças opositoras irão emergir para suplantar o programa de Bush.

Todas as coisas têm sido distorcidas pelo medo do terrorismo, como na Guerra Fria elas foram distorcidas pelo medo do comunismo.

PGJr. E seria o caso de ver a arte americana no interior oposição ou falando em vida alternativa?

AD. Não vejo a arte americana como “um modo de oposição da vida que se leva nos Estados Unidos”. Não sei de nenhuma artista que acha que Bush é um bom presidente – na verdade seria difícil achar um novo iorquino que acreditasse nisso – mas não há muito de crítica política nas artes visuais hoje em dia. Como um estilo de vida, o momento da boemia como um monopólio artístico já passou. Por um lado, sexo e drogas são características banais de todos os lugares da vida americana. Por outro, os

próprios artistas são pessoas do mundo, ansiosas por se exibirem e encontrar sucesso. Em suas vidas, os artistas americanos são pessoas extremamente responsáveis.

PGJr. E a Europa e o Terceiro Mundo, como você os vê?

AD. Como um americano, a pergunta sobre a minha visão das relações da América com a Europa e com o Terceiro Mundo é interessante até pelo fato de que você não me perguntaria tal coisa para um filósofo de outra nacionalidade, um canadense ou filandês ou equatoriano, ou mesmo um chinês. Isso já mostra que a relação da América com o resto do mundo é uma questão de todos, que o que as relações da América deveriam ser é um problema para todos. Isso implica no fato de que a América tem responsabilidades que nenhum outro país tem, através de seu poder e de sua riqueza, e que os valores americanos são uma questão de importância mundial, uma vez que a maneira de como ela lida com suas responsabilidades é uma questão de interesse universal. Inevitavelmente, a América é um objeto de reflexão crítica para todo mundo em todos os lugares. Se a América, por exemplo, estivesse prestes a adotar uma posição “isolacionista”, dizendo que ela apenas se preocuparia com seus próprios problemas, haveria uma grande crítica sobre isso. Assim, qualquer um tem uma visão do que a América deveria fazer e ser. Uma nação emergente como a China, por exemplo, não parece ter o tipo de responsabilidades que a América tem, a despeito de seu poder e sua riqueza. Assim, verdadeiramente é uma boa coisa aquilo que a América foi, no início uma colônia, e este seu ressentimento quanto ao status encontra expressão em boa parte dos documentos que capacitaram a criação da nação, em particular a Declaração de Independência e o Preâmbulo à Constituição, e quanto a isso os fundadores foram homens de extraordinária inteligência – Jefferson, Madison, Franklin e Washington; e aquelas idéias fundamentais vieram de John Locke.

Pense que a questão poderia ser esta: se a América fosse perfeita, tudo deveria ser, então o que, em termos de justiça global, seria suas relações com o resto do mundo? É claro que isto está longe de ser o real. Em particular, penso na experiência da Guerra Fria, que provocou uma inflexão na política exterior americana. Ela tornou-se paranóica. A paranóia é inteligível, dado a realidade da construção do arsenal nuclear. O surpreendente é que nem nós nem a União Soviética destruimos o mundo. Mas era uma possibilidade sempre sentida, sentimento parecido com o de hoje em dia, quando o terrorismo substituiu o comunismo como O Outro. Mas se a América fosse realmente perfeita, seu papel seria a do bodisatva, do budismo – “Aquele que resgata o clamor do mundo”. Nenhuma outra nação pode desempenhar esse papel. Mas o Plano Marshall, após a II Guerra Mundial exemplifica o imperativo Bodisatva. Penso que a intervenção na Bósnia e em Kosovo exemplifica isso também.

PGJr. Mas e se pensamos em países do Terceiro Mundo como o Brasil?

AD. Não conheço o Brasil. Nunca atravessei o sul do México. Para mim, o Brasil é uma colagem de música, dança, praias e montanhas, com florestas de mogno. Minha experiência com brasileiros tem sido limitada. Contaram-me que minha família veio de Portugal, seríamos judeus de origem espanhola. Em qualquer caso, fico imensamente grato ao ver que minhas idéias tem recebido interesse de brasileiros, e estou certo que seria bem recebido se fosse até o Brasil



© Observação. A publicação dessa conversa foi permitida pelo prof. Danto, com direito do Centro de Estudos em Filosofia Americana (CEFA) e Portal Brasileiro da Filosofia. Para reproduzir basta citar a fonte e avisar o Portal e o CEFA, utilizando o e-mail de Francielle Maria Chies [fgi29@yahoo.com.br](mailto:fgi29@yahoo.com.br)